

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

2.ª SERIE

LISBOA, 10 DE SETEMBRO DE 1881

NUMERO 40

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

Summario. — Carlos Gomes, Rodolfo Paravicini — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *Soirées em Madrid*, Mauilius — *No mar*, Visconde de Benalcanfor — *Carteira de um fantasista*, Na vareta d'um leque, Guerra Junqueiro; *A aranha*, Gomes Leal — *Rumores dos palcos* — *Album enigmático*, charada, Mathens Peres — *Albina*, Georg Sand, folhetim — *Cardeal Diabo*, Valentim Demônio.

CARLOS GOMES

Carlos Gomes é filho de um compositor de musica, mestre de capella de Campinas, cidade não muito distante do Rio de Janeiro. Manoel José Gomes foi casado quatro vezes, sendo a sr.ª D. Fabiana Jaguary a mãe de Carlos, autor do *Guarany*. Cabe ao pae do distincto maestro a denominação de patriarcha, pois que das suas quatro mulheres teve nada menos de trinta e um filhos, dos quaes vivem apenas cinco, tres homens e duas senhoras.

Carlos nasceu no dia 11 de julho de 1839 na cidade de Campinas, recebendo de seu pae as primeiras lições de musica e revelando logo extraordinaria vocação. Entretanto, nem por isso o pai queria afastal-o do seu lado, condemnando assim tacitamente a intelligencia do rapazinho a morrer asphyxiada.

Um bello dia, em 1859, alguns amigos, empenhados no desenvolvimento d'esse talento precoce, aconselharam Carlos Gomes a fugir de casa e a refugiar-se em S. Paulo. É a esses amigos que o Brazil deve o seu maestro e a arte a posse do *Guarany*, da *Fosca* e do *Salvator Rosa*.

Cumpre por consequente registrar os nomes de Henrique L. Lewy, concertista de clarinete, e do doutor Theodoro Langgard, que primeiro do que ninguem decifraram o horoscopo de Carlos Gomes.

Em S. Paulo affirmaram-se logo os progressos do estudantinho; pouco depois partiu para o Rio de Janeiro, levando cartas de recommendação para o conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, graças á influencia do qual não tardou que o admittissem no Conservatorio do Rio, estudando abi contraponto sob a direcção do maestro Joaquim Giannini.

Compoz por esse tempo uma Cantata, que foi executada na Capella de Santa Cruz dos militares, despertando extraordinario enthusiasmo. O imperador desejou conhecer o autor e aconselhou-lhe que seguisse para a Europa, indo estudar, debaixo da sua protecção, á Italia e Alemanha.

Carlos Gomes, porém, desejando primeiro firmar os seus credits no torrão em que nascera, não acceitou o offerecimento, entregando-se exclusivamente á tarefa de escrever a sua primeira opera, *A noute do Castello*, que foi cantada pela primeira vez no theatro do Rio de Janeiro em a noute de 4 de setembro de 1862, executada por um grupo de artistas italianos e portuguezes.

A opera teve um exito mediocre. O imperador mandou chamar

Carlos Gomes e perguntou-lhe qual a razão que o impedia a adiar a sua partida para a Europa.

— A razão é porque desejo escrever outra opera, respondeu o joven musico. Dizem que não fui eu que compuz *A noute do castello*; pois bem, quero demonstrar ao Brazil que se engana.

Em 1863 subiu á scena a *Giovanna di Fiandra*, alcançando um bello successo. Pouco depois Carlos Gomes partiu para a Italia, chegando a Milão em fevereiro de 1864 e fixando ahi a sua residencia, recebendo para isso uma pensão dada pelo governo brasileiro.

Depois de alguns attritos resultantes do regulamento do Conservatorio milanense, que exclue os estrangeiros das regalias inherentes aos alumnos internos, e dos quaes Carlos Gomes saiu victorioso, o futuro autor do *Guarany* recebia a 6 de julho de 1866 o diploma de maestro compositor.

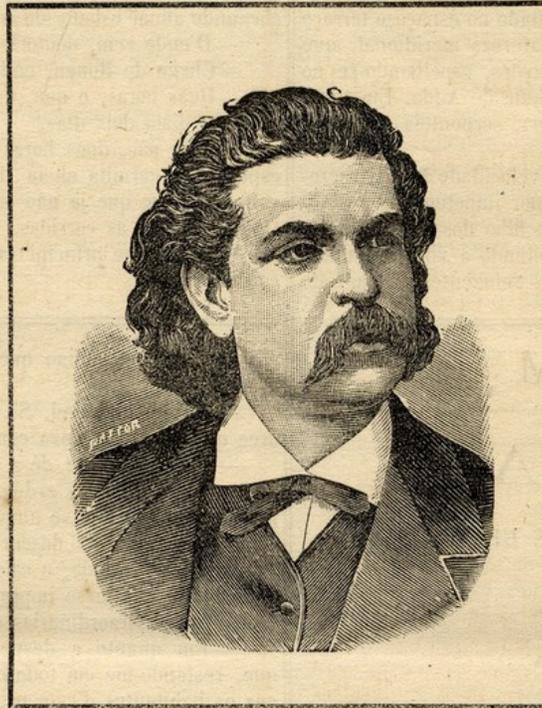
Durante os estudos de Carlos Gomes, Antonio Scalvini convidou-o para escrever a musica de uma fábula, intitulada *Se saminga*, que se representou em Milão no mez de dezembro de 1866. A musica formosissima de Carlos Gomes, cercandolhe o nome de uma grande popularidade, abriu-lhe as portas do theatro Scala, onde se apresentou a 19 de Março de 1870, levando o *Guarany*, que foi executado por Sass, Villani, Storti, Maurel e Coloni, obtendo um exito delirante. O editor Lucca, sem esperar que a opera terminasse, apresentou-se no palco, offerecendo ao illustre maestro um contracto, vantajosissimo, que garantia pela aquisição do *Guarany* uma somma importante, obrigando-se o maestro a escrever uma opera nova. Carlos Gomes, palpitante de commoção e enthusiasmo, assignou alli mesmo o contracto.

Em 1873 subiu á scena a *Fosca*, com libretto de A. Ghislanzoni, tendo por interpretes a Krauss, Barbaccini e Maurel e obtendo um exito lisongeiro, embora inferior ao do *Guarany*.

Em 1874 cantou-se em Genova o *Salvator Rosa*, despertando extraordinario enthusiasmo, que se repetiu em seguida na Scala, fazendo parte do repertorio italiano e percorrendo a maioria dos theatros da Europa. Em 1878 o eximio maestro apresentou a *Maria Tudor* que o publico da Scala recebeu friamente.

Alem das operas que acabamos de mencionar, Carlos Gomes compoz o hymno da exposição de Philadelphia e o hymno do centenario de Camões no Rio e Bahia, acolhidos com grande exito.

Em 1880, chamado pelo appello entusiasta dos seus compatriotas Carlos Gomes organisou uma companhia de canto e partio



Carlos Gomes

para o Brazil, no intuito de fazer cantar as suas operas em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo.

A sua viagem foi um triumpho cesareo. Logo que o vapor *Guadiana*, a bordo do qual o eminente maestro, fundeu no Rio, mais de cinco mil pessoas embarcadas em escaleres e pequenos vapores embandeirados, vieram ao seu encontro; a cidade revestio-se por espaço de muitos dias de um aspecto festivo, cobrindo-se de luminarias, queimando-se fogo de artificio e tocando nas ruas varias bandas de musica.

O theatro lyrico do Rio vae ornar a sala com as estatuas de *Pery* e do *Cacico*, que figuraram na exposição de Bellas Artes de Millão.

O imperador D. Pedro condecorou o maestro, offerecendo-lhe as insignias da ordem cravejadas de brilhantes. Os seus conterraneos de Campinas offereceram-lhe uma grande e esplendida medalha de ouro, com firma em brilhantes e rubis; a sociedade de artistas italianos, que tem a sua sede n'aquella cidade, offereceu uma medalha de ouro com fita tricolor.

Carlos Gomes regressou á Italia opulento de distincções, de dinheiro e de valiosos presentes, que enthesoura na sua magnifica villa em Maggiana, onde se lê no atrio, em grandes caracteres, *Pro Brasilia*.

Se o maestro vale muito, o homem ainda vale mais. Organisação impetuosa, nervosa, entusiasta, e alem de tudo generosa, Carlos Gomes desconhece o rancor e a inveja, que devora tantos artistas. Os triumphos dos collegas rejubilam-o quasi tanto como os seus. A sua conversação é alegre, expansiva, imaginosa e cordeal. Na sua villa quem menos governa é elle. Assentado no espaçoso terraço o maestro contempla extasiado o ceo e a naturoza meridional, que irradia por todos os lados em galas e seducções, espelhando-se no lago d'Olginate e sorrindo no verdejante valle do Adda. Em torno da villa, baptisada com o nome de *Villaflori*, serpenteia um pittoresco jardim exuberante de flores.

O maestro brasileiro compõe com uma velocidade febril, escrevendo de um jacto uma opera. O mesmo amor impetuoso e apaixonado que consagra á sua musa, dedica ao filho dos seus enlevos.

Ao lado do seu estremecido Carlos, habitando a villa esmaltada de flores, povoada de aves de plumagens reluzentes, forrada de

pelles de tigre e de serpentes, entre as quaes destaca a *Sucury*, terror da provincia do Matto Grosso, envolvido no fluido azul da atmosphaera italiana, é alli que elle evoca saudoso a sua radiosa America e escreve, fantasiando em sonhos que lhe illumina a penna o fulgor diamantino do cruzeiro de sul.

RODOLFO PARAVICINI.

CHRONICA ALEGRE

Os jornaes francezes, e um pouco tambem os portuguezes, occupam-se minuciosamente da Exposição de electricidade, inaugurada ha dias no Palacio da Industria em Paris.

N'essa exposição accumulam-se os mais extraordinarios e os mais phenomenaes prodigios que podem deparar-se á investigação ardente de uma geração de curiosos.

Como definir no pobre vocabulario humano essas indiscriptiveis maravilhas, o imprevisito, sem cessar renovado, d'esses saraus electricos, ainda mais prodigios em visões fantasticas e deslumbradoras do que as *Mil e uma noites*?

Lembra-nos a este respeito uma pagina da existencia de Voltaire, deliciosamente contada por Victor Hugo.

Voltaire levantou-se uma manhã do anno de 1738, e sentindo-se incommodado mandou chamar a medico. O medico demorou-se, chegando afinal esbaforido e offegante.

— D'onde vem, doutor? perguntou Voltaire.

— Chego de Rouen, onde estava ha duas horas.

— Duas horas, o que, duas horas? interrompeu Voltaire. O doutor quer dizer dois dias.

— Não, não, duas horas é que é. Levou-me e trouxe-me uma especie de marmita cheia de agua a ferver, que substituiu os cavallos: parece que já não se faz uso dos cavallos senão para ir á Opera ou para as corridas.

Voltaire, que principiava a não comprehender, encarou o medico desconfiado.

Peço ao meu amigo que se occupe primeiro do que tudo d'este assumpto.

— É indispensavel, Sr. Duque, que V. Ex.^a me diga qual a area que destina á nova construcção?

— Quero que lhe dê a maior possivel, estou habituado a residir em casas grandes e desafogadas. Agora o que se pode é resumir na altura o que se ampliará em largura.»

Acabavamos de descer o escarpado flanco da montanha. Eu examinava o rochedo, e calculava a olho as suas dimensões. O plano, embora não fosse impraticavel, offerecia grandes difficuldades e demandava extraordinarias despesas.

— Em quanto a despesas, pouco me importa, retorquiu o duque, restando-me em todo o caso a compensação de poder empregar os habitantes d'este paiz.

A nossa conversação durava já havia duas horas quando tocou a sineta para o jantar. O duque caminhava encostado ao meu braço. Confessou-me que receiava me dêsse alguma vertigem n'aquellas eminencias, onde elle andava tanto á sua vontade como se estivesse passeando no quarto. Mas como na minha profissão não se tem vertigens, tranquillisei o duque. Lembrando-me que o sr. de Saint Fanate me prevenira que comeria sosinho nos meus aposentos, tratei de despedir-me do duque; porém este disse-me:

— Onde é que vae? Quer privar-me do prazer de jantarmos juntos?

Conduziu-me então a uma sala vastissima, de um bello estylo ogival, toda adornada de panoplias authenticas e de ornatos severos, com uma mobilia antiga, pertencente a varias epochas, de um raro e inapreciavel valor artistico.

Trad. livre de

(Continua).

PAULA RAMANZI.

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEPTIMA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.^a DE NESMES

Castello d'Autremont.

«Muito bem, redarguiu então, teremos ainda tempo de revistar o edificio antes de jantar.» E á medida que iam andando, o duque ia dizendo: «Como o senhor vê, este velho reducto composto de amostras de architectura em todos os generos é incommodo e soturno. Não só triste, é mais do que isso: é desconfortavel, mas assim mesmo, tenho-lhe muita affeição, e a não ser alguns reparos que o senhor julgar indispensaveis á solidez do edificio, não quero alterar-lhe o aspecto. Comtudo, perciso organizar uma habitação para o inverno uns 200 metros abaixo do terraço em que estamos agora.

Será assim a ventillação absolutamente differente, e muito mais se conseguirmos collocar um dos quartos com a frente para o sul. É n'isso que consiste a difficuldade. A montanha d'este lado tem tanto declive, que é mister profundar muito pela rocha dentro, correndo o risco de alluir os alicerces.

—E que urgência foi essa que o levou a Rouen? perguntou por delicadeza.

—Fui cortar a perna a um pobre diabo, estropiado pela queda de um balão.

—A operação correu bem?

—Perfeitamente!

—E o operado soffreu muito?

—Nada absolutamente. Não fez outra cousa senão cantar emquanto lhe cortaram a perna.

—Cantar?

—Cantar. É preciso dizer-lhe tudo, meu caro poeta: adormeci-o primeiro com chloroformio, e em vez de sentir a dôr, o homem imaginou que lhe faziam coegas nos pés e desatou a rir!

N'este ponto, Voltaire, visivelmente inquieto, desviou a sua cadeira da cadeira do doutor, e com a inflexão indulgente, reservada para os pobres de espirito, disse-lhe:

—É muito interessante o que o sr. me conta, é realmente interessante!

Tão interessante, replicou o medico, que transmitti immediatamente a noticia da operação a um dos meus collegas de Philadelphía.

E tirando o relógio, o medico acrescentou:

—A esta hora já elle sabe tudo.

—O que diz o sr.? exclamou Voltaire dando um pulo.

—Digo, volveu friamente o doutor, que a descripção da operação foi dirigida palavra por palavra, ao meu collega da America, por intermedio de um cabo submarino que liga um continente ao outro, e que me permittiria fallar ao seu *Ingenuo*, para os hurons ou para os iroquezes, como tenho a honra de lhe fallar, meu mestre.

Vejo que não tem senão uma indisposição ligeira, acrescentou o doutor, tomando o pulso ao poeta. Basta talvez applicar-lhe um estímulo, uma scentelha.

—Uma scentelha?

—Sim, da machina electrica.

—Ouf! desafogou Voltaire logo que o medico voltou costas, até que me vi livre d'aquelle doido! Receei deveras que lhe desse alguma furia.

E chamando os seus lacaios, elle, o homem de todos os progressos e de todas as curiosidades, elle que não se admirava nunca e que maldizia a rotina, exclamou:

—Se o doutor tornar a apresentar-se em minha casa, tomem

bem sentido, não o deixem entrar. Não tenho tempo para perder com os alienados.

Depois de tudo, rematou encolhendo os hombros, o desgraçado não voltará. Provavelmente vae parar hoje mesmo ás *Petites Maisons!*

E Voltaire continuou tranquillamente a escrever os *Elementos da philosophia de Newton*.

Oh! progresso, é tão arrojado o galope do teu corcel, passando n'uma rapida vertigem allucinante atravez dos seculos, que até mesmo Voltaire, o revolucionario audaz, foi cuspidado da sella como qualquer aprendiz de jockey!...

GUIOMAR TORREZÃO.

SOIRÉES EM MADRID

Á verdadeira celebridade *del salon*, repousa unicamente na ruidosa multidão que o percorre todas as noites. Durante o dia é o deserto do Sahara, arido, que só vel-o nos provoca a sede: de noite, transforma-se magicamente n'um paraíso povoado pelas fadas mais lindas, d'um conto arabe.

Movimento desconhecido antes d'esta hora, enquanto dura a estação calmosa, que atravessamos com toda a heroicidade e abnegação d'um martyr. É necessario grande amor pelas manifestações radiantes do bello para voluntariamente e resignados soffrermos que a nossa personalidade artistica se transforme lentamente n'um colossal assado á portugueza.

Este *rotissage á petis feu*, só tem comparação com as fogueiras onde se purifica a fé christã com assados hebraicos. A estes, costumaram a collocar deante dos olhos a divina imagem do Redemptor, para os animar no seu soffrimento e terem occasião de bendizer a misericordia infinita de Deus, executada em seu nome pelos seus fervorosos representantes na terra.

Aqui, a imagem é substituida por aquella dos que soffrem, como nós, isto é dos que passeiam a suar em bica.

Este Olympo de padecentes, suavisa algum tanto o nosso martyrio e infiltra-nos na alma, um certo bem estar, causado pela certeza que não somos os unicos a soffrer.

E sentado n'uma cadeira de ferro, como qualquer honrado empregado publico, que instictivamente detesta as explorações arroja-

FOLHETIM

O CARDEAL DIABO

(ULTIMA NOITE DE HOFFMAN)

VI

Adeantei-me lentamente. Estratejavam-me os dentes, convulsos n'um terror insano. A ideia de morrer em peccado, aniquilava-me. Ia fazer o signal da cruz. Meu pae descarregou na minha face maculada, a sua ira de vingador.

—Passa, disse elle, na impassibilidade do archonte.

Puz o pé no madeiro. Tremia toda. Ia alcançar-me o inferno. Dei dois passos. O revoltear da torrente pedia-me, fascinava-me, estava-me abrindo os braços para o noivado dos tumulos. Caminhei. Mas o tronco oscillava—voltei-me para traz. Era meu pae, que tentava deslocal-o. Rapida, fui andando, andando. E pude alfim, chegar á outra muralha do despenhadeiro. Meu pae não parou. Vi-o chegar ao meio da torrente, sem tremer, sem recuar, alto, direito, desgrenhado. Estendeu as duas mãos, tumidas de castigos, e a sua grande voz cavernosa, deixou cahir sobre esta cabeça miseravel uma blasphemia assombrosa:

—Maldita sejas tu, para todo o sempre!... E foi sumir-se no tremedal, que rugia.

Velho: estes cabellos branquejam: polvilharam-nos agonias de dezoito annos. Errei como hydrophoba, bebendo nos chareos, dormindo nas arribanas. Nas aldeias apedrejavam-me. Os curas vibravam maldições, a trancos, quando exhausta e rota, me deixava cahir junto dos cruzeiros. D'uma vez entrei na missa: era n'uma grande cidade, cheia de rumores, e de janellas altas, veladas de stores de verniz brilhante. Um cão atirou-se a mim. Ajoelhei no guardavento, de mãos postas. Mas os guardas, saccudiram-me; que me erguesse d'alli! Chorava. Viam-se-me pelos farrapos, os seios tostados de que meu filho pendera um anno só—pobre de mim! Na prisão a que fui arrastada, os vadios erguiam-me as saias, sorrindo, excitados. Um velho assassino cuspiu-me na cara. Eu tinha sido honesta: por mais que se faça, ninguem consegue perder a vergonha! Quando me levaram ao tribunal, as velhas gritavam—bruxa! Eu era mãe. Então, arranquei os cabellos. Ouvia clamar—ladra! Eu era mulher. Quando soluçava, riam-se das minhas contracções. Ha um grande consolo para o insulto. É a dôr. Eu soffria como ninguem, á hora em que, provavelmente, tu visitavas os *ateliers* dos pintores, pelo braço das filhas soberbas, dos velhos capitães do Malabar. Tenho dispersas na mente as lembranças, como n'uma escarcella de pagem, as moedas brilhantes. Mas ouve ainda. Nunca mais ouvi fallar de meu filho, do teu. Adornecera uma noite com elle ao peito. Sonhei que meu pae perdoava. Louca mulher: como se os bohemios voltassem atraz, como se a honra fosse uma mola, premida á vontade! De manhã, estava só. A principio nem pensava. Depois chamei baixinho. Era na floresta. Uma perdiz dava comida aos filhos, no ninho, proximo, no feno do chão. Então onde estava meu filho? A minha alma, vestira-se n'elle, como n'uma tunica de ar-

das por essas avenidas fóra, com medo de gastar os seus *cabedões* como elle, poupando as pernas, e dando que fazer aos olhos, vamos explorando visualmente as scenas variadas que vão desfilando deante de nós, consecutivamente durante tres horas.

Ha um certo egoismo na maneira de gozar que optamos, mas é preciso confessar que absorvemos maiores quantidades de poeira, levantada pelos milhares de vestidos que rastejam as avenidas, sacudida, é verdade, com muita graça!

O nosso primeiro cuidado é de entrar por meio de contemplações suavissimas, em investigações profundas sobre as ethereas proporções da cinta hespanhola. Não sabemos ainda se a verdadeira *gracia* reside n'esta parte do corpo, mas o que podemos afirmar ao leitor curioso, sem receios de o enganar, é que d'ali dimana para todas as suas partes constituintes, um conjuncto de graciosas linhas, um oceano de emoções que nos electrizam. Se levantamos os olhos mais alto, deparamos com um rosto d'um oval delicioso, branco de leite levemente rozado ás vezes e uns cabellos negros *d'ivoire*, assetinados e luzidios como o ebano do coche de Joanna a *louca*. Como as estrellas que brilham n'um escuro firmamento azul, aparecem de quando em quando algumas *rubias* douradas, que nos fazem recordar as sanetas venezianas dos banquetes de Paulo Cagliari. Uns braços bem feitos amorosamente modelados que poderiam servir para completar a morbida belleza da Venus de Milo. Muito de proposito, cobertas apenas por uma finissima gaze preta, para que os profanos lhe vão beijando com os olhos, a forma voluptuosa.

Ficaremos por aqui; será melhor, porque os *motivos* succedem-se e o nosso amor pelo estudo pode ir augmentando á medida que elles se nos apresentam. O mais razoavel é fechar os olhos e deixar passar. Tão pouco não prometemos uma descripção minuciosa, que talvez fosse offender certos melindres, mas apenas as impressões gravadas ligeiramente em a nossa memoria do que temos visto depois que a lua se levanta.

No salão do Prado ha materia mais que sufficiente para grandes discussões de esthetica. O grande Taine, perderia a cabeça e os seus olhos se vesgos são, mais vesgos se tornariam deante de originaes tão peregrinos, se os quizesse dissecar, como pretendeu fazer com a belleza grega. Não nos explicaria porque razão as pequenas curvas d'um seio andaluz são tão puras e tão mysteriosas. E quanto ás outras curvas, essas, garantimos, fariam palpar em desconhecidas emoções, todos os philosophos da arte, a ponto de se desconhecerem a si proprios.

canjo. No seu riso, Deus mandava-me perdão. Durante um dia, deslumbrada no meu pequenino, não consegui amaldiçoar te, homem de bronze!

Quando elle adormeceu, ao cahir a noite, eu murmurava uma cantiga bohemia, a mesma que no teu castello, acompanhara a minha queda. E pela primeira vez, disse o teu nome sem odio. Mas alta noite, vi-me sem meu filho. O meu amor dilatou-se como uma enxurrada; rebentou de mim como uma explosão. Nunca o céo ouviu maior blasphemia! A perdziz voou, tremendo. Nuvens, encerraram a lua nascente, como n'um sacrario de ebano a hostia consagrada. O céo ficou negro. Ouvei cantar um galo. Ergui-me, cambaleante. Não via, não sentia; deixava-me caminhár, como arrastada. Em torno de mim, risadinhas iam estalando nos galhos dos platanos. Rumores de passadas, gemiam nas folhas seccas. Ás vezes, arrastavam-me pelos cabellos. Eu não gemia. Nem me lembro se amancheceu: a alma tem noites polares.

Que trévas maiores que uma mãe roubada no seu amor!...

Velho: os teus annos correm felizes, no meio de orgias cantadas, pelos menestres e foliões ambulantes. Todos os dias a tua meza verga ao peso das viandas mais raras e dos fructos mais olostantes: eu tive fome. O teu corpo resguardado por brocados finos tem a branca fidalguia regalada dos felizes: nunca usei senão farrapos.

Mas a tua alma é secca e sem amores. Eu sou maior que tu: enche-me o meu amor, enthronisa-me o meu odio. Velho, escuta bem. No meio da tua opulencia havia um olhar implacavel. Dormias, e vinham bohemios dançar em volta do teu leito esculpido, velhas figuras sardonicas de facinoras, de trabuco. Aos domingos, na ca-

A nervosa impetuosidade dos filhos do sul e o gelo das brancas florestas da Noruega, derrete-se, desfazendo-se em murmúrios de admiração expontanea.

A verdade que avançamos é tão evidente que não nos atrevemos tambem a formular hypotheses temerarias sobre as causas directas ou desconhecidas de tantos encantos, que actua formidavelmente sobre o espirito de todos, e muito mais sobre o d'aquelles que sabem sentir.

Nada no mundo mais simples e sobrio de vegetação do que este passeio nocturno. Pelo lado pitoresco não se aproxima sequer da Rambla del Centro em Barcelona ou dos Campos Elyseos em Paris.

Imagine o leitor uma das nossas estradas de mac-adam, despidas de arvoredo, graças ao bom senso que sempre reinou e hade reinar enquanto o mundo fór mundo, em os nossos famosos conselhos de districto, para eterna gloria nacional, e o leitor terá a imagem exacta do Salon del Prado quando os cães a atravessam á hora do meio dia.

As nossas praças e passeios são melhor arborizados, mas as camaras municipaes teem sempre a louvavel ideia de mandar barbear as arvores, para lhes dar o comico feitio d'um tortulho muito regular, que fazem estalar de riso a quem olha casualmente para essas guardações verdes.

Já nos esquecimos que estamos em Madrid, volvemos pois da nossa curta viagem a Portugal.

No centro do Prado ha uma fonte coroada por uma estatua de Apolo, em *fino* marmore de Carrara, não olvidamos a bondade da materia calcaria em que Affonso Vargas esculpia o mavioso deus, porque talvez o seu merecimento artistico, perdesse alguma cousa aos olhos dos nossos numerosos amadores de bellas artes.

A um dos lados da avenida ha uma numerosa fileira de kioskes triangulares a que os indigenas chamam *puestos*, guarnecidos de bilhas cheias da apreciada agua *del burro*, e uma razoavel quantidade de *asucarillos*. Agua fresca e *asucarillo*, é uma bebida que o hespanhol não pode dispensar, seja lá aonde fór, e ainda muito menos *nel salon*.

As palpitantes novidades do dia e os affaveis cumprimentos ditos em voz alta, trocam-se com muita galanteria. Desde as monumentaes fontes de Neptuno até á de Cybele, os *Canards*, as rizadas e a chistosa verbosidade hespanhola, atravessam em ondas sonoras toda a extensão da avenida. Parece um enorme baile. É tal a alegria e a multidão, que um ingenuo provinciano pode fazer a seguinte pergunta: *Diga Usted, qué funcion hay en este pueblo?*

pella, á hora da missa, viam-te ajoelhar entre almofadas, junto do celebrante. O Christo do sanctuario tinha aos pés uma caveira. A's vezes, essa caveira olhava para ti fitamente, e ria. Um dos monstros de granito que fecham a abobada da tua camara, em certas noites, descia sem ruido, punha-se a contemplar-te. Tu mesmo o disseste. Costumavas ouvir no teu salão, pela bocca do pagem, a narrativa dos feitos dos grandes cavalleiros medievales. O pagem olhou para ti: era o olhar do fauno da abobada, dos gitanos dos teus sonhos, da caveira da capella. Tu tremias em elle vibrando — quem poderá dizer se era a consciencia, velho?...

No entanto eu caminhava, sem filho, sempre na sombra, sempre na noite, seguida por assombros, roida de abutres, sem rumo, tateando os caminhos. Vinham-me desejos de ajoelhar: Deus fulmina-nos de raios se o insultamos, mas escuta a supplica. Pois não me deixavam orar. Quando o canção me enchia, uma mão de ferro puxava-me pelos cabellos — para deante! para deante! Cheguei assim á borda d'uma torrente: um fragor continuo, enchia o ar de legendas. Havia uma cruz nos rochedos, um carvalho passava de lado a lado, o precipicio. Gritaram-me: — Passa!

Era meu pae. Todos me empurravam, rindo devagarinho, para deante, para deante!

Eu puz o pé no madeiro, estrangulada de preces; meu filho, meu filho! Choviam-me bofetadas; açoutes, batidos com cilicios de ferro. Tudo negro em volta. No cimo, a cruz phosphorecente, vaga: meu filho, meu filho! Riam no fundo do abysmo. Tinham as carnes gretadas, sangrando.

(Continua).

VALENTIM DEMONIO.

Os politicos de cadeira, refrescados pela brisa da noute e por varios copos d'agua, da apreciada *fuelle del berro*, dão largas á imaginosa phantasia.

Agradavelmente vão modificando a seu bello prazer a geographia politica da Europa. As nossas luzas praias não são ao menos bem tractadas pelos visionarios do eberismo. Todos são conformes na opinião de que a cidade do marmore e do granito, banhada pelas aguas cristalinas do Tejo, occupa uma posição transcendente na peninsula.

É um praser ouvil-os dissertar sobre o assumpto, que elles tractam com summa poesia e carinhos de enamorado.

Entre elles é voz unanime que a peninsula e tornaria um paiz de *cocagne* se houvesse *asucarillos* e agua *del berro* em Lisboa. Desde o centenario de Calderon, que esta melodia politica, é o thema com mais ou menos variações brilhantes, de muitas palestras na *vila coronada*.

E assim os platonicos eberistas, vão secando a lingua e os incontestaveis dotes oratorios que possuem, até que as doze badaladas da meia noute, os chama a casa, á porta da qual o antidiluvia-no sereno os aguarda de candieiro em punho e chaves á cinta.

(Segue).

MANLIUS.

NO MAR

Summario:—*O mar e o lisboeta—As odysseas do domingo—A banalidade da viagem por terra—A poesia do mar—O vapor Gomes II—O commandante Rocha—Os passageiros—A costa—O Cabo de S. Vicente—O promontorio de Sagres.*

I

O mar não é o elemento favorito do lisboeta, o menos embarcado de todos os peninsulares. Quando nos succede ter de annunciar a intenção de embarcar, alaga-nos logo um chuveiro de interrogações pelo theor d'estas: «Passa bem a bordo?» «Não tem medo de se metter n'uma casca de noz?» «Porque não vae antes por terra?» Está ultima pergunta foi-me dirigida ha annos por um juiz de direito aposentado, a quem eu communicára o projecto de visitar a ilha da Madeira. É raro ver gente a percorrer por gosto as margens do Tejo, se para tal digressão houver de ser forçada a via maritima. Ao vapor *Aurora*, com o *reclame* do buffete e da musica a bordo deve-se o haver creado argonautas. Graças a este elegante vehiculo, já se vão encontrando pessoas que se tenham affoitado ao heroismo de demandar Cascaes atravez da barra, e não é raro á segunda feira ouvir a algumas creaturas idosas as narrativas da aventureira odyssea do domingo, em que houve arrebentação de mar na praia, á hora do desembarque, dando-se o caso terrivel de voar pela borda do escaler fóra um chapéu de côco, varrido do vento, e de naufragar um sacco-mala recheado de *sandwichs* sem que o podesse salvar o Terra-Nova da familia. Um horror, uma catastrophe digna de figurar ao lado do naufragio de Sepulveda nas *tragedias maritimas*!

Ora nós, embora não possamos aspirar ás pretenções de um Christovão Colombo da borda d'agua, preferimos em geral á viagem por terra a viagem por mar. A viagem por terra—com a circumstancia aggravante dos comboyos de ida e volta a preços reduzidos—entrou já no dominio das banalidades. É um appenso vulgar á sopa, vacca e arroz. Se ha alguma cousa, que possa ainda cingir-se de uma aureola poetica, é o mar com seus multiplos aspectos: ora com as crispções nervosas de leão irritado, ora com a languidez da ondulação rythmica, em que ha a meiguice amorosa das mães que acalentam os filhos no colo.

II

Tendo de ir ao Algarve em cumprimento de obrigações officiaes, optamos pelo embarque a bordo do excellente vapor *Gomes II*, um barco que tem feito as suas provas victoriosamente, mesmo no amago da invernia, quando as vagas empolam em grandes serras nas

alturas do cabo de S. Vicente, e o vendaval fustiga a costa aspera e desabrigada, açoitando do mesmo golpe as embarcações que cortam aquellas aguas.

O commandante do vapor, Pires Rocha, é um maritimo extremamente sympathico. A tripulação adora-o; os passageiros ficam encantados com o acolhimento que d'elle recebem. A sua energia é temperada de delicadezas e de sollicitudes paternaes para todos que lhe estão subordinados. Na ponte sobre a tolda a sua voz é imperiosa, como convém ao governo da manobra; na camara de ré, á mesa, entre as senhoras e os viandantes, avelluda-se de inflexões rescendentes de amabilidade.

N'esta viagem contam-se poucos passageiros de primeira classe. Além do contra-almirante Neves, official geralmente estimado pelos seus meritos e qualidades, do tenente de engenheiros Pinheiro Borges a quem acompanha sua joven esposa, de um rico industrial, Araujo, dono de fragatas e proprietario, e do capitalista Carvalho e Costa, companheiro folgasão como poucos, semeando de ditos e de repentes felizes a sua conversação interessante, em que desfilam já as viagens que tem feito, já as sete partidas do mundo que tem corrido, e em que se alternam com a narrativa das caçadas os episodios comicos e os lances tragicos—não se sentam á mesa senão o commandante e nós.

A alegria dos convivas é proporcionada ao appetite. Ri-se e come-se bem. Os intervallos das refeições são preenchidos pela conversa sobre a tolda. A' nossa vista vae-se contornando a costa com as suas escarpas caprichosas, com os seus leixões tombados em attitudes estranhas, como se os houvesse revolvido a mão dos cataclysmos, ou se houvessem precipitado do vertice das rochas firmes, allucinados por uma orgia geologica. Os altos picos de granito recortam-se com a phantasia de arabescos no azul immaculado do céu semelhante a uma immensa saphyra.

Com os binoculos em punho, os passageiros, sentados em commodas cadeiras de palha, prescrutam demoradamente os menores accidentes e minucias da paizagem terrestre. De quando em quando, alcetrazes brancas, aves aquaticas, maiores que as gaivotas, adejam em circulos com as grandes azas até roçarem o mar, que parece de estanho derretido, mergulhando em procura da sardinha, que anda em cardumes, e fartando-se na cêva. A luz irradiante do sol traça estrias de prata, borda labores e salpica de lentejoulas trêmulas o oceano, onde o formigueiro das scintillações solares finge myriades de sardinhas que pulam, despedindo das escamas reverberos metallicos.

III

O littoral, que até o cabo de S. Vicente ora corre gracioso, ora se boleia em curvas risonhas de terreno cultivado, entremostrandonos a espaços terrenos matizados semelhantes a grandes chales de cachemira com o fundo verde—uns retalhos de Andaluzia ou da Italia banhados nos tons quentes da luz meridional,—assume de repente uns assomos severos. Erguem-se a grande altura os rochedos escavados do cabo, cortados a pique, e lá em cima, na crista nua, pendura-se o mosteiro de capuchos, que o mar envolve na pulverisação das vagas que arremessa, quando bate encapellado nos penedos.

Acode-nos á memoria uma facil reminiscencia classica, recordando-nos que aquella tropel informe de penedias—umas inteiriças—outras lascadas—era o *Promontorio Sacro* dos antigos, e que n'aquellas cumiadas, a que o mar embravecido arroja as suas ondas, campearam, brunidas pelo sol, as columnas de um templo famoso dedicado ao astro do dia, em que Hercules quiz ter a sua sepultura. Volvidos bastantes seculos, appareceram alli umas reliquias, que a tradicção christã affirma serem do martyr S. Vicente, e em 1173 (segundo o breviario de Braga) eram transferidas para Lisboa. Vê-se, pois, que aquelles cêrros, que nas horas da tormenta se rebuçam na alvura espumosa das vagas furiosas, cingem-se altivos com o duplo diadema sobreposto da superstição pagã e da crença catholica, que ambas os elegeram pafa tumulo dos seus heroes e martyres.

No seculo XVI uma sombra tragica paira sobre aquelles alcantis, borrifando-os de sangue. Em 25 de maio de 1587 os inglezes da esquadra commandada por Francisco Drak,—que fazia da guerra uma carniceria monstruosa, saqueando, devastando, incendiando,

passando á espada velhos, mulheres e creanças—desembarcaram em Sagres, reduziram-n'a a cinzas, e d'alli subiram ao môro do Cabo, cujo convento de Capuchos, unica edificação do sitio, arrasaram e queimaram, escapando apenas uma capellinha, refractaria ás chamas, por ser de abobada.

Nos tempos modernos aquellas paragens douram-se de lampejos gloriosos em duas jornadas navaes: a do anno de 1797, em que lord Jervis bateu e derrotou a esquadra hespanhola que sahira de Cadiz, merecendo por este feito o titulo de conde de S. Vicente, conferido pelo governo britannico; e a de 5 de julho de 1833, em que Carlos de Ponza, ou Napier, commandante da esquadriha constitucional composta de tres fragatas, um brigue, uma escuna e uma corveta, bateu e fez prisioneira a do usurpador, que constava de duas naus de linha, de duas fragatas, dois brigues e tres corvetas, gentileza heroica que conquistou para o arrojado marinheiro a patente de almirante e o titulo de visconde do Cabo de S. Vicente acrescentado posteriormente com o de conde.

Pela terra dentro, ao fundo do quadro colleiam as ondulações e aguçam-se as cumiadas da serra de Monchique—a espinha dorsal do Algarve—até que se esvaem nas orlas encinzeiradas do horizonte. D'esta cordilheira azulada emmergem dois picos bem distinctos, duas grandes massas de granito e *schisto*—a Foia e a Picota. Sob a crosta de penhascos que os cobrem, e com as refrações da luz, aquelles dois picos retengem-se, ao longe, de uma côr esbranquiçada. Na distancia talvez de umas 20 braças ao mar do Cabo negreja como o costado de uma baleia um ilhote chamado de S. Vicente. Em volta do escuro e limoso penedo vê-se o mar estrebuchar com as convulsões de um epileptico.

Entre os pontos extremos do Cabo e do promontorio de Sagres, a costa intermedia é toda irriçada de rochedos, uns cortados a prumo, outros lascados, sobrepostos n'um amphitheatro, em que as fieiras naturaes simulam os restos escalavrados de grandes degraus, que tivessem sido affeioados por alveneis cyclopicos. A's vezes, nas cumiadas, levantam-se grandes rochedos afilados, esguios, acabando em ponta, de uma côr amarellada, similando enormes prezas, arrancadas ás maxillas de carnivoros gigantescos. Apenas n'uma abertura de rochas se arredonda ao nivel da praia uma enseada microscopica, aonde nos dizem a bordo, que os pescadores das artes de Lagos vão deitar lanços com as redes, só no verão, quando o mar está muito bonançoso.

Contemplando-se aquelles vortices que revolteiam no sopé dos penhascos negros, em que sob as rajadas de vento, como se a vergalhassem açóites aereos, uma embarcação se afunda de repente, comprehende-se, como nas idades primitivas da humanidade avasalava as creaturas indefesas a religião dos deuses naturaes que vivem nas cousas, dos genios bons e maus que habitam as selvas, as cavernas, os ares e os abysmos. O terror e a piedade da tribu, da familia, deviam concentrar-se nos lances sinistros, nas catastrophes, nas tragedias da vida. Deprecar a natureza, propicial-a, applacar-lhe as sanhas, captar-lhe as blandicias, adorar-lhe as forças uteis, endeusar-lhe os germens fecundantes, eis o embryão de todos esses cultos instinctivos, espontaneos, que mais tarde as theogonias metaphysicas, as intellectiones dos ideologos, os calculos da politica, as ambições-das castas sacerdataes guindaram ás magnificencias das religiões officiaes.

IV

Eis-nos a tres milhas para o sul do Cabo de S. Vicente. Como se apruma—com a altivez marcial de uma espada erguida—a crista do promontorio de Sagres!

Foi alli, no mais alto d'aquelles pincaes que o genio do immortal D. Henrique accendeu o pharol que allagou de luz a esteira dos nossos galeões, devassando novos mares e continentes ignorados. N'aquelles penhascos alteou o arrojado cosmographo o portico da grande estrada maritima que nos havia de approximar da Africa, da Asia e da America. D'aquelle fanal resplandecente é que se projectou desde as praias do extremo occidente a claridade deslumbrante, que, transpondo mundos remotos, allumiou aos olhos maravilhosos dos nossos descobridores os berços rosados da Aurora.

Saudemos reverentes essa montanha para nós duplamente sagrada pelas recordações do passado que aviva, e pelas perspectivas do futuro que descerra, retemperando-nos para os committimentos

e para as luctas incruentas da civilisação moderna não menos gloriosas do que os annaes guerreiros da grande epopeia das conquistas.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

NA VARETA D'UM LEQUE

No Eden uma vez, era de madrugada,
Andava n'uma rosa uma vespa doirada,

Satanaz, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Saiu alegremente, a rir, d'entre o arvoredor;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em voz baixa ao ouvido.

Isto foi na manhã,
Em que Eva devorou a celebre maçã.
E Deus disse ao demonio:

—O' brejeiro, é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque.

E Jehovah da rosa então fez-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fez-lhe um leque.

GUERRA JUNQUEIRO.

A ARANHA

N'um sonoro theatro antigo d'Allemanha,
D'um violino aos ais, banhada de luz viva,
Surgia d'um covil uma grotesca aranha
Dos banquetes do Som habitual conviva.

O ser sombrio e obscuro, ó meu amor! não priva
Da adoração do Bello a adoração estranha,
E assim se embriagava a escura pensativa
Na lyrica emoção que a nossa alma banha!

Mataram-a uma vez! Não mais a pobre amante
Da musica surgiu aquella luz brilhante;
Foi-lhe o velho theatro a sua sepultura!

Assim preso tambem pela attracção que adoro,
Não te rias, cruel! O' Idolo que imploro...
Tu és o violino e eu sou a aranha escura!

GOMES LEAL.

RUMORES DOS PALCOS

Eis o elenco da companhia que vae funcionar no theatro de S. Carlos na epocha de 1881 a 1882:

Director de scena — Pedro Jorge Pacini.

COMPANHIA DE CANTO

Maestros directores e ensaiadores — Kuon, Pontecchi, Pandovani.
Primas donas absolutas — Gabrini, Gini, Turolla.
Primeiras damas mezzo-soprano e contralto absolutas — Bonheur, Borghi.

Segundas damas — Barba, Barros, Neri.
Primeiros tenores absolutos — Bulterini, De Sanctis.
Tenores comprimarios e segundos — Bertocchi, Morini.
Primeiros baritonos absolutos — Kaschmann, Toledo.
Baixo comprimario — Cherubini.

Primeiros baixos absolutos — David, Navarini.
 Segundos baixos — Lagar, Pelegrini.
 Generico — Magnani.
 Ponto — Tito Pagani.
 Opera nova (salvo casos imprevistos e de força maior).

LOHENGRIN (DO MAESTRO WAGNER)

REPORTORIO DA EPOCA

Aida, D. Carlos, Roberto do Diabo, Hebra, Africana, Fausto, Guarani, D. João, Hernani, Força do destino, Jone, Anna Bolena, Propheta, Ruy Blas, Mephistopheles, Huguenotes, etc., (das quaes serão escolhidas aquellas que melhor *ensemble* poderem reunir).

COMPANHIA DE BAILE

Compositor e psimeiro bailarino — Casati.
 Primeira bailarina de genero francez — Casati-Cossio.
 Primeira bailarina de genero italiano (em ajuste).
 30 dançarinas do corpo de baile, sendo 16 estrangeiras.
 30 professores de orchestra e 31 de Banda marcial.
 80 coristas de ambos os sexos, sendo 50 estrangeiros.
 Pintor scenographo — Manini.
 Segundo pintor e ajudante — Samarini.
 A abertura (salvo casos de força maior) é no dia 1.º de outubro de 1881.

Vae estreiar-se no Porto a actriz Aurelia dos Santos, ácerca da qual os jornaes portuenses dizem maravilhas. Segundo parece, esse nome de guerra occulta outro muito conhecido no mundo elegante.

Depois da *Mascotte*, que deverá subir á scena no dia 17 do corrente, entrarão a ensaios na Trindade os *Dragões de Villars* e a comedia *Une voyage d'agrement*

Para estreia do actor Mello sobe hoje á scena na Trindade a comedia o *Ramo*, do actor Leoni.

Vae subir á scena na Phenix do Rio de Janeiro uma nova peça original de Sousa Bastos. Intitula-se *O diabo em Lisboa*, devendo servir para apresentação do grande panórama das margens de Lisboa, que figurou na *Revista* de 1880 do distincto escriptor.

Falla-se que debutará em breve no Gymnasio um rapaz muito conhecido em Lisboa e que tem patenteiado a sua vocação para a arte em recitas particulares.

Começam no dia 19 do corrente os ensaios no theatro de S. Carlos. Os artistas devem chegar no dia 15.

O Gymnasio abre no sabbado 16. A primeira peça nova que subirá á scena n'este theatro será o *Divorçons*, traduzido por Pinheiro Chagas, que se representará em beneficio de Beatriz.

Abriu o theatro lyrico do Rio de Janeiro com a *Africana*. Borghi-Mamo e Tamagno obtiveram um successo caloroso. Toda a imprensa fluminense é unanime em reconhecer os peregrinos dotes voaes e dramaticos da cantora.

ALBUM ENYGMATICO

CHARADA

(Ao meu bom e particular amigo Julio Irwin)

PREMIO

OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

«L'HOMME NOIR», COM UM AUTOGRAPHO DE VICTOR HUGO

1 vol. em brochura

Eu vi-a! Semelhava, o seu olhar celeste,
 a merencoria luz envolvendo um cipreste
 já pelo sol queimado!

Ella era um ideal, a meiga Fornarina,
 a quem a viração cantava, matutina,
 o nome perfumado. — 2

A tarde festival, amena, declinando
 e n'um intimo adeus os campos saudando,
 tinha um aspecto lindo!

Só ella pensativa ao muro se encostava
 e em fundo meditar um allivio buscava
 á sua dôr infinda!

N'aquella virgindade, augusta e soberana,
 o corpo foi caindo em doença, que emana
 d'um coração *solteiro*!

Cançada de soffrer, já quasi á noutinha,
 lembrou-se ir procurar, á floresta visinha,
 o sabio, o feiticeiro! — 2

E foi. Ao consultar o *velho milagroso*,
 escapou-lhe do peito um suspiro amoroso
 e disse, consternada:

«Ha muito que padeço, e este soffrer immenso,
 «sempre inquieto e febril, provem, assim o penso,
 «d'uma leve pontada...»

— No lado esquerdo, filha?—Accrescentou o velho,
 lendo com attenção no crystalino espelho
 do seu olhar bemdito.

«Adivinhasteis, logo, o intimo segredo
 «que ha muitos annos guardo em meu seio, a medo,
 «entre um viver afflicto!»

— Se quereis encontrar o remedio provavel,
 — buscae um coração, que seja terno, amavel...
 — tereis um novo alento!—

E, ao despedir-se, deu-lhe, o misero herbolario,
 um ramo *d'esta planta*... Era uso legendario
 do espirito agourento!

E ella, a Julieta, ao sair da floresta,
 Encontrou um Romeu, que o amor lhe manifesta,
 Em jura venturosa!

Realizou-se, pois, do velho a prophecia!
 E aquelles corações beijam com alegria
 A planta *milagrosa*.

Lisboa, Setembro — 1881.

MATHEUS PERES.

Explicação da charada publicada no numero anterior:—ES-FOMEADO.

Recebemos um sem numero de cartas contendo a decifração da charada posta a premio, sendo este entregue ao ex.^{mo} sr. Arnaldo Bordalo, primeiro cavalheiro que nos enviou a chave da composição alludida.

Publicar-se-hão as charadas que forem enviadas ao director do ALBUM ENYGMATICO, o sr. Matheus Peres.

ADVERTENCIA:—O premio será entregue na redacção, rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 104, 2.º

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

ALMANACH DAS SENHORAS

Vae entrar no prelo o *Almanach das Senhoras* para 1882, de que é redactora a sr.^a D. Guiomar Torrezão. O novo almanach, ao encetar o seu 12.^o anniversario, apresentará um sem numero de novidades e melhoramentos, que constituirão, estamos certos, outros tantos elementos de extracção. Esta publicação, unica no seu genero em Portugal, que tem caminhado sempre escudada por um exito seguro, augmentando de anno para anno as suas tiragens e ampliando o quadro dos seus leitores e collaboradores, entre os quaes figuram os primeiros nomes da litteratura portugueza e brasileira, corresponde d'esto maneira ao favor publico, obtendo assim novos titulos ao aprego dos seus numerosos leitores. O *Almanach das Senhoras* para 1882, que dispõe de uma collaboração brilhante, abrirá com o retrato photographico de madame Julieta Lamber, viuva Adam, a celebre republicana redactora da *Nouvelle Revue*, um dos orgãos mais adiantados da imprensa franceza. O retrato é acompanhado da biographia da grande jornalista franceza, escripta pela redactora do almanach, a sr.^a D. Guiomar Torrezão, e seguida de um autographo de madame Adam.

Inaugurará além d'isso o novo almanach uma serie de gravuras que illustrarão o texto, correspondendo assim ao gosto moderno que exige a par da imagem abstracta, realisada por meio da escripta, a imagem figurada por intermedio do lapis e da gravura. Tendo sido acolhida com geral aprazimento a secção de problemas inaugurada no almanach de 1881, a empresa do *Almanach das Senhoras* resolveu desenvolvê-la, para o que convidou um illustre lente de mathematica que se dignou dispensar-lhe uma valiosa collecção de problemas. Os problemas do almanach para 1882 dividir-se-hão em duas series, sendo uma exclusivamente para o Brazil.

Todos os problemas são premiados, entregando-se o premio á primeira pessoa que enviar a solução, depois de exposto á venda o almanach, dirigindo-se á livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, deposito principal e actual gerencia do *Almanach das Senhoras*.

Eis a relação dos principaes premios:

Uma argola DE PRATA para guardanapo.

Um *souvenir* DE PRATA.

Musicas.

Chromo-lythographias.

Collecções de jogos allemães em caixas de madeirã com dados.

Um quadro a cartão, feito e offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Curado.

Uma collecção do *Almanach das Senhoras*.
Livros de missa com capas de metal, (dois).

Livros: *Arabescos*, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *L'Espagne moderne*, de Madame Rattazzi. — *L'Homme noir*, de Alfredo Sirven, com um autographo de Victor Hugo. — *Bibliotheca do povo e das escolas*, uma serie de livrinhos de estudo. — *Contos sem nome*. — *Perfis moraes*, do dr. Baldy. — *El deber cumplido*, romance de D. Faustina Saez de Melgar, etc., etc., etc.

A empresa do *Almanach das Senhoras*, correspondendo por todas as formas á grande acceitação que encontrou no respeitavel classe commercial a secção de annuncios que encetou em 1877, a qual tem visto progressivamente augmentada, e desejando tornar o mais vantajosa possivel a publicidade dos mesmos, resolveu inaugurar no almanach para 1882 um novo genero de annuncio que submete á apreciação dos senhores annunciantes.

Como é sabido, a avultada tiragem e extraordinaria extracção do *Almanach das Senhoras*, em todo o reino, no Brazil, nas ilhas e colonias, dava de per si a maxima vulgarisação ao annuncio. A empresa, porém, tendo em vista facultar-lhe mais amplo desenvolvimento, vae publicar no futuro almanach, independente da secção de annuncios impressos em papel de cores diversas, e incerta no fim, o annuncio intercallado no texto, á imitação de que fazem identicas publicações na America, Inglaterra, França, etc. Cusará cada annuncio, publicado na secção litteraria, o qual não poderá occupar menos de uma pagina, 2\$500, subsistindo para os annuncios do fim do almanach o preço habitual, isto é, uma lauda 1\$500, meia 1\$000, paga adiantada. Além d'isto, a empresa do *Almanach das Senhoras*, empenhando-se em facilitar por todas as maneiras a divulgação do annuncio, cuja reconhecida utilidade é ocioso encarecer, publicará um catalogo commercial, com indicação dos estabelecimentos, pagando apenas cada annunciante 200 réis, podendo dispôr de uma linha para a menção da sua industria e residencia. Os srs. assignantes que avaliando bem as vantagens que lhe offerecemos, queiram dispensar-nos os seus annuncios, sirvam-se fazel-o desde já, remettendo-os para a agencia BASTOS e GONÇALVES, rua dos Retrozeiros, 147, ou para a LIVRARIA ZEFERINO, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, e no Porto para a *Agencia da Publicidade*, Praça de D. Pedro, 23, indicando nos mesmos se desejam publicado o annuncio no texto ou no fim do livro.

AO COMMERCIO BRAZILEIRO

Os srs. annunciantes brasileiros que se dignem dispensar-nos os seus annuncios queiram remettel-os aos nossos agentes, srs. Arthur Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro, onde se acham patentes os preços e condições dos mesmos. Os mesmos srs. são os unicos encarregados da venda do *Almanach das Senhoras* no Brazil, tendo tambem a seu cargo fazerem entrega dos premios ás pessoas que resolverem os problemas da edição brasileira.

Ricos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O Centro aceita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocção por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do Centro enviam para qualquer destino, a troco de estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões as para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis!!!

Sendo maior quantidade teem abatemento os preços da bella luva aromatizada, assim como as de fino Suede e Escossia, praias e campo.

RIBALTAS E GAMBARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero	20 réis	Rio de Janeiro — Assignatura
Lisboa { Assignatura de 25 nu-		de 25 numeros . . . 2\$000 réis
meros	500 »	Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
		xeira e Moraes Calabre — 95, Rua do-
		Ourives, 95.

Assigna-se na Livraria Zeferino — 87, Rua dos Fanqueiros, 87.